



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JOSÉ DINALDO MARTINS DA SILVA

**A QUESTÃO ETNORACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA, EM ESCOLAS
LOCALIZADAS NO BAIRRO DAS MALVINAS, CAMPINA GRANDE – PB**

CAMPINA GRANDE – PB

2018

JOSÉ DINALDO MARTINS DA SILVA

**A QUESTÃO ETNORACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA, EM ESCOLAS
LOCALIZADAS NO BAIRRO DAS MALVINAS, CAMPINA GRANDE – PB**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Campina Grande
(UFCG), como requisito para conclusão do curso
de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Maria de Lira

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

M386q

Martins, José Dinaldo.

A questão etnorracial no ensino de geografia, em escolas localizadas no bairro das Malvinas, Campina Grande-PB / José Dinaldo Martins. – Campina Grande, 2018.

18 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação: Profa. Dra. Sônia Maria de Lira".

Referências.

1. Geografia – Estudo e Ensino. 2. Questão Etnorracial – Escola.
3. Geografia e a Questão Etnorracial. I. Lira, Sônia Maria de. II. Título.

CDU 910.1(07)(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DE JOSÉ DINALDO MARTINS DA SILVA

TÍTULO: A QUESTÃO ETNORACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA, EM
ESCOLAS LOCALIZADAS NO BAIRRO DAS MALVINAS, CAMPINA
GRANDE-PB

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Campina Grande (PB), 13 de dezembro de 2018


Prof.ª Dr.ª Sonia Maria de Lira (UFCG - Orientadora)


Prof. Ms. Paulo Roberto Souto Maior Júnior (MEMBRO EXTERNO)


Prof. Er. Sérgio Luiz Malta de Azevedo (MEMBRO INTERNO)

RESUMO

O ensino de Geografia, muitas vezes, trabalha com realidades distantes dos alunos, contudo é necessário discutir as questões cotidianas que se realizam nos espaços vividos. Ademais, é preciso analisar sobre as inter-relações que ocorrem nos espaços escolares, inclusive aquelas que trazem discriminações, entre elas as etnoraciais. Por isso, esse trabalho tem como objetivo analisar sobre as questões etnoraciais, enfatizando sobre o racismo no espaço escolar e como os professores vêm abordando esta questão na educação geográfica, em escolas do bairro das Malvinas, Campina Grande/PB. Neste contexto, trabalhamos com a metodologia qualitativa, utilizando a entrevista semi-estruturada e a análise de conteúdo das falas de docentes de Geografia. Verificamos que alguns docentes ressaltam trabalhar a temática etnoracial, de forma pontual, a partir dos estudos sobre a África. Como também, que os livros didáticos trazem aspectos estereotipados a respeito dos negros e do continente africano. E embora seja constatado que existem ações preconceituosas que ocorrem na escola através de brincadeiras e xingamentos dos estudantes, apenas uma professora de História desenvolve projeto com ações permanentes contra o racismo no espaço escolar. Sendo assim, o ensino de Geografia ainda precisa ampliar suas ações educativas no tocante ao combate ao racismo.

Palavras-chave: Etnorracial, Escola, Ensino de Geografia;

ABSTRACT

Geography students often acquire knowledge using distant realities; however, it is necessary to bring it to their daily questions that take place in their real spaces. In addition, it is imperative to analyze the interrelationships that happen in school spaces, including those that result in discrimination, including ethnoracial. Therefore, this study aims to analyze ethnoracial issues - especially those associated with racism in school space - and investigate how Geography teachers are handling such problem in their lectures in Malvinas neighborhood schools, in Campina Grande/PB. The methodology we worked was qualitative, utilizing semi-structured interviews and the content analysis of lectures of Geography teachers. We verified that some of them bring up ethnoracial issues in their classes, by using studies about Africa, as well as, that textbooks bring stereotyped aspects of black people and the African continent. Though prejudiced attitudes occur in school through jokes and curses of students, only one History teacher develops a project with permanent actions against racism in school space. Thus, the teaching of Geography still needs to expand its educational actions to properly fight racism.

KEYWORDS: Ethnoracial; School; Geography teaching.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia, muitas vezes, trabalha com realidades distantes dos alunos, mas é necessário discutir as questões cotidianas que se realizam nos espaços vividos. Ademais, é preciso analisar sobre as inter-relações que ocorrem nestes espaços, inclusive aquelas que trazem discriminações, entre elas as etnorraciais. Contudo, será que estas temáticas são tratadas no ensino de Geografia?

Desse modo, nosso trabalho tem como objetivo analisar sobre as questões etnorraciais, enfatizando sobre a questão do racismo no espaço escolar e como os professores vêm abordando esta questão na educação geográfica, em escolas do bairro das Malvinas, Campina Grande/PB. Como objetivos específicos temos: entender como vem sendo trabalhado o ensino de Geografia; verificar algumas conceituações vinculadas às questões etnorraciais; identificar se ocorrem ações preconceituosas raciais no espaço escolar; verificar ações pedagógicas envolvendo a questão etnorracial.

O interesse por esse bairro se deu, porque é o local em que resido, trabalho e estudei e em que verifico que ocorrem ações preconceituosas nos espaços escolares, a partir de observações nos estágios supervisionados, que realizei na Escola Estadual Álvaro Gaudêncio de Queiroz, a partir dos quais resolvi utilizar para investigação do meu TCC sobre essa temática.

O racismo tem gerado dor, tristeza, sofrimento e morte para milhões de seres humanos, por causa da cor de sua pele ou devido à sua origem étnica. E isto ocorre também nos espaços escolares, por isso são necessárias ações educacionais para combatê-lo.

Neste contexto, trabalhamos com a pesquisa qualitativa, que segundo Ludke “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada” (LUDKE, 1986, p,11).

Além disso, de acordo com Triviños (2013).

O foco essencial destes estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores, [...] as reformas curriculares, os métodos de ensino, o mercado ocupacional, os problemas do adolescente etc. (TRIVIÑOS, op. cit., p. 110).

Dessa forma, usamos a entrevista semi-estruturada, que segundo Trivinões (op. cit.) é um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados, oferecendo todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação. Nessa perspectiva, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

A investigação foi realizada em quatro escolas do bairro das Malvinas (Figura nº 01 - em anexo), entre elas a Escola estadual Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz, Escola CAIC José Jofilly Escola Estadual Dom Luís e EMEF Lafayette Cavalcante. Sendo importante ressaltar que, no momento, os trabalhos das duas primeiras escolas estão ocorrendo no espaço do CAIC, pois a Escola Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz está passando por uma reforma.

O trabalho foi dividido em três partes: na primeira abordamos sobre o ensino de Geografia, na segunda destacamos elementos conceituais a respeito do racismo e de outras questões etnoraciais. Na terceira verificamos se os professores trabalham com esse tema com os alunos na disciplina Geografia.

1 Ensino da Geografia

O ensino é um processo que compõe a formação humana em sentido amplo, abarcando diversas dimensões: intelectual, afetiva, social, moral, estética e física. Para isso, necessita estar voltado não só para a construção de conceitos, mas também para o desenvolvimento de atitudes, valores e convicções para uma convivência mais respeitosa com todos os tipos de diferenças.

Por isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) instituiu os temas transversais, para serem trabalhados nas escolas temáticas como: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Trabalho e Consumo. Nesta perspectiva, a maioria destas discussões oriundas da Geografia.

Segundo Pontuschka (2009, p. 132) a Geografia “traz conhecimentos que podem contribuir com os temas transversais, tais como Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Temas Locais”. Desse modo, os conhecimentos geográficos já contemplam temáticas interdisciplinares.

Contudo, o ensino de Geografia tem sido trabalhado, na maioria das escolas, de forma mnemônica. Mas, como afirma Cavalcanti (2002, p. 20), ele:

[...] não se deve portar pela descrição e enumeração de dados, priorizado apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições.

Ou seja, a Geografia escolar não deve utilizar apenas memorizações dos conteúdos geográficos, a partir da repetição veiculada através do ensino tradicional, que já era enfatizado por Comênio séculos atrás.

Segundo Lira (2014, p. 300), a proposta comeniana destacava “a repetição [...] e tinha no professor o principal agente do processo educativo”. Entretanto, atualmente sabemos que o estudante é o principal sujeito da aprendizagem e o docente deveria mediar esse processo.

No entanto, muitos professores continuam trabalhando, atualmente, dentro da metodologia tradicional, enfatizando apenas os conteúdos conceituais. Mas, a Geografia escolar também deve trabalhar com conteúdos atitudinais, envolvendo a temática racial, dos jovens, da violência urbana, das manifestações culturais, e do interculturalismo, da mulher, entre tantos outros temas que exigem cuidados no tratamento adequado, não preconceituoso, construindo possibilidades de novas convivências socioespaciais (CAVALCANTI, op. cit).

Por isso, neste trabalho enfatizaremos as questões etnoraciais e do racismo, os quais refletiremos brevemente sobre tais conceitos, a seguir.

2 Questões conceituais envolvendo racismo, preconceito e discriminação

Etmologicamente raça estaria ligada à questão de parentesco, envolvendo as descendências ancestrais. Sendo assim, na Grécia antiga, todos aqueles que não pertencessem à sua raça eram classificados como bárbaros, por isso aqueles que não fizessem parte das mesmas origens eram excluídos.

Dessa forma, raça/etnia são noções relacionadas com a construção do sentido de pertencimento e de destinos compartilhados que produzem diferenciações nas populações humanas (BEZERRA, 2007).

Contudo, o racismo, propriamente dito,

È fruto da ciência europeia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. A ideologia racista se manifesta a partir do tráfico escravo, mas adquire o status de teoria após a revolução industrial europeia. Aimé Césaire, em seu discurso sobre o colonialismo, escrito no imediato do pós-guerra, salienta que Cortez e Pizarro pilhavam e matavam na conquista da América, mas que nunca afirmaram “ser mandatários de uma ordem superior”... os hipócritas só vieram mais tarde (PEREIRA, 1978, apud SANT’ANA, 2005, 42).

A hipocrisia relatada refere-se à articulação entre o cristianismo e a civilização, tratando o paganismo como selvageria. Sendo assim, o racismo é fruto de um longo processo que objetiva usar a mão-de-obra barata através da exploração dos povos colonizados, portanto,

Sendo o racismo um fenômeno ideológico, ele se consolida através dos preconceitos, discriminações e estereótipos. Essa prática tem sobrevivido e foi se fortalecendo através das épocas, alcançando, inclusive comunidades, escolas, e conseqüentemente, salas de aula. Segundo Cícero, contradizendo Aristóteles, os homens diferem em conhecimento, mas são todos iguais na capacidade de aprender; não há nenhuma raça que, guiada pela razão, não possa chegar à excelência. (COMAS, 1970, p. 135)

Dessa forma, o preconceito refere-se a uma opinião preestabelecida, imposta pelas inter-relações que se estabelecem em diversos contextos socioespaciais, regulando as relações de uma pessoa com a sociedade (MUNANGA, 2005)

O preconceito pode levar a ações discriminatórias, as quais podem violar os direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos. A discriminação é algo assim como a tradução prática, a exteriorização, a manifestação, a materialização do racismo, do preconceito e do estereótipo. Discriminação racial, segundo o conceito estabelecido pelas Nações Unidas:

Significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha como objeto ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou exercício, em condições de igualdade, os direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político, social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública. (BRASIL, 2010).

Ou seja, as discriminações raciais anulam as pessoas como seres humanos e devem ser combatidas. E a postura da educação diante desta luta é de fundamental importância. Mas, será que os profissionais da educação e os livros didáticos contribuem para a diminuição do racismo? De acordo com algumas pesquisas sobre a discriminação etnoracial, demonstra-se que tanto os professores da educação quanto os livros didáticos apresentam indicativos racistas.

2.1 Algumas pesquisas sobre a discriminação etnorracial na escola

Pesquisas feitas, recentemente, mostram por onde passa a discriminação étnico-racial nas nossas escolas. Uma delas foi encaminhada por duas pesquisadoras sobre a discriminação etnicorracial, revelando que o racismo antinegro está relacionado à cor de sua pele, estando presente em todo o país (SILVA, 1987), constatando a existência de uma ideologia da inferiorização do negro fortalecida através do livro didático Índios e negros e do professor, sob a forma de estereótipos e preconceitos.

Outra pesquisa ressaltou sobre o Bullying, envolvendo questões de racismo através de situações de xingamentos vinculados à cor da pele. Além disso, nos debates do Grupo Focal foi identificado que os estudantes achavam que era comum “os negros fazerem as coisas erradas”, indicando um pensamento naturalizado permeado de preconceito (BATISTA, 2013)

Outra investigação desenvolvida por Tonini (2013) também aponta que tanto os professores quanto os livros didáticos de Geografia trazem elementos do racismo em suas manifestações através principalmente das imagens. Por isso, é necessária a formação dos profissionais da disciplina geográfica fazerem uma análise crítica desses recursos didáticos, combatendo estas informações estereotipadas.

Dessa forma, as referidas pesquisas demonstram que tanto os profissionais da educação quanto os livros didáticos apresentam indicativos racistas. E mesmo que o MEC tenha combatido tais veiculações destas ideias nos livros didáticos, ainda encontram-se presentes nestes materiais.

E embora algumas legislações ressaltem a necessidade de combate ao racismo, os profissionais das escolas, muitas vezes reforçam esta situação discriminatória e excludente. A seguir iremos tratar de algumas legislações e aspectos educacionais que trataram destas questões.

2.2 Algumas legislações que enfatizam sobre os direitos fundamentais, combate ao racismo e educação para o respeito etnorracial

De acordo, com a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, deve haver igualdade de condições, acesso e permanência ao sistema educacional. Neste contexto, a permanência também depende do respeito às diferenças no espaço escolar.

Para cumprir e garantir os direitos da população perante a lei, o Estado brasileiro criou a lei de nº. 7.716/1989, descrevendo como crime atos de racismo e em 2010, sancionou a Lei 12.288/2010, instituindo o Estatuto da Igualdade Racial.

Além disso, desde a década de 1990, aprovou os novos Parâmetros Curriculares Nacionais, que preconizavam temas transversais, entre os quais, orientação sexual, raça e etnia, reconhecendo que as mulheres e a população negra vivem em situação de desvantagem social, econômica, cultural e política, estando vulneráveis a discriminações e violências (PCN, 1990). Portanto, estas temáticas devem ser trabalhadas na escola.

Neste contexto, o governo brasileiro em 9 de 2003, sancionou a Lei 10.639, uma medida de ação afirmativa que tornou obrigatória a inclusão do ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira nos currículos dos estabelecimentos de ensino públicos e particulares da educação básica. Trata-se de uma alteração na Lei 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Mais do que uma iniciativa do Estado, essa lei deve ser compreendida como uma vitória das lutas históricas do Movimento Negro brasileiro em prol da educação. Portanto, a partir de 2003, a Lei 9.394/96 passa a vigorar acrescida dos seguintes 23 26-A, 79-A e 79-B.

Após a sanção da referida Lei, o Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução 1, de 17/03/2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana 2. A partir de então, as escolas da educação básica passaram a ter um documento legal que discute e aprofunda o teor da Lei 10.639/03, capaz até de orientar a prática pedagógica.

Dessa forma, essa breve apresentação de algumas legislações nacionais, demonstram a preocupação com o racismo no Brasil e apontam que um dos caminhos para superá-lo é a educação. Mas, será que esse trabalho vem sendo desenvolvido nas escolas? É esta questão que iremos abordar a seguir, numa amostra de quatro escolas públicas de Campina Grande.

3. As questões etnoraciais e o combate ao racismo em escolas de Campina Grande

Respeitar as diferenças no espaço escolar é um tema que precisa ser analisado e discutido, porque trata da importância de compreender e respeitar aqueles que são diferentes nas inter-relações que ocorrem no cotidiano do espaço escolar.

Segundo Gomes (apud Munanga, 2005), para que a escola consiga avançar na relação de saberes escolares/realidade, social/diversidade, étnico-cultural, é preciso que os educadores compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura e as relações raciais, entre outras. Mas, conforme relatos de alguns professores de Geografia, esta prática ainda não vem ocorrendo.

Na pesquisa empírica realizada nas escolas identificamos que ocorrem ações discriminatórias vinculadas às questões etnorraciais, como pode ser ressaltada através do depoimento do professor “A” que relata existir “um preconceito envolvido em uma acusação, numa brincadeira [...] muitas vezes sem intenção, mas, [...] machuca, é comum você presenciar alguma forma de preconceito na escola”. Mas, será que não há intencionalidade preconceituosa nestas brincadeiras? Nós discordamos disso, porque ação discriminatória por causa do preconceito é intencional.

Enquanto o professor “B” disse que o preconceito ocorre através de: “alguma brincadeira, tipo bullying por questões [...] por exemplo do cabelo, [da] cor propriamente, [da] questão negra”. Nesse contexto, é muito comum este tipo de violência verbal referindo-se ao cabelo das pessoas negras, como também reitera a professora “C”, abordando que “eles têm preconceitos principalmente com relação aos cabelos, [então] não [há] aceitação ao cabelo do outro, xingando um ao outro [...]”. Contudo, enfatizamos que essas “brincadeiras”, na verdade, são agressões que precisam ser retomadas na escola, através de um processo educativo que combata o racismo, pois segundo o que é destacado pelas Nações Unidas, estas discriminações são uma afronta aos direitos humanos.

A professora “D” também confirma que presenciou “várias vezes” discriminações raciais na escola, reiterando que foi feito um trabalho de resgate [...] da cultura negra [...] mostrando todo o processo histórico [...] no Brasil e desconstruindo [...] toda essa maneira de achar que é natural esse tipo de piadinha”.

A entrevistada “E”, no entanto, ressalta que “nessa escola eu nunca presenciei esse tipo de piada, brincadeira não”. Contudo, esta é a escola que vem desenvolvendo projetos contra o racismo durante o processo letivo.

Quando indagados se no Ensino de Geografia eram tratados os temas etnorraciais, o professor “A” afirmou que sim, destacando que “esse conteúdo é bem discutido e bem

trabalhado na disciplina, porque quando envolve formação de território, [...] formação populacional, aí diretamente você vai ter [que] entrar nesse tipo de discussão”, mas não apresenta a metodologia da discussão etnorracial realizada.

Enquanto o docente B relata que foi feita [...] uma palestra com o professor Jair sobre a questão da consciência negra” mostrando a organização de evento pedagógico para a discussão da temática, no entanto isto correu no mês de novembro por conta da data comemorativa a esse respeito.

A professora da “C” “explica, temos esse projeto ao longo do ano, e são trabalhados com as quatro turmas do 6º ao 9º ano, onde [...] nós distribuimos várias temáticas [...] conhecendo o espaço geográfico do continente africano, porque muitas vezes os alunos pensam que a África é apenas um país”. Além disso acrescenta que “eles começam a perceber, por exemplo, a economia [...] a produção de café, [...] açúcar, [...] de cacau, [...] jazida de cobre, de diamante, ou seja, necessariamente nem tudo que está na África é pobreza e miséria, aí dá pra perceber que existe também uma construção da mídia [...] televisiva [que] só procura mostrar os aspectos negativos do continente africano”. Ou seja, a professora de História tem um projeto bem amplo que trabalha nos quatro anos do Ensino Fundamental a questão etnorracial de uma forma ampla e contextualizada.

Já a professora “D” cita existir o projeto desenvolvido pela professora de História que “trabalha justamente esse resgate cultural da valorização da nossa história afro-descendente.” Ou seja, o trabalho é realizado pela docente de outro componente curricular e não, especificamente, pela Geografia.

A docente “E” cita que trabalha a temática “dependendo do conteúdo, dependendo da turma”, não explicando como é feito o trabalho e nem a partir de quais conteúdos.

O livro didático é um dos principais instrumentos pedagógicos utilizados pelo professor, por isso questionamos se este material abordava a temática etnorracial e segundo o professor “A”:

A cultura negra nos livros ainda é carregada de preconceito [...] Quando o negro é resgatado, dificilmente você encontra uma imagem do negro bem sucedido. Nos livros de história e de geografia, geralmente o negro ainda é estudado apenas sobre a ótica da escravidão, de servir [nas] imagens, [nas] charges [...] Os livros didáticos não falam da resistência dos negros contra a escravidão, e dos movimentos, só mostram a imagem negativa do negro.

Dessa forma, o livro didático vem carregado de estereótipos e preconceitos, não favorecendo uma educação que desmistifique as imagens negativas e promova a ampliação dos respeito pelas diversas raças, pelo contrário.

O professor da “B” também explica que:

Grande parte do conteúdo didático pedagógico, quando faz referência ao continente africano, não trata [...] a questão social política [...], trata mais questão econômica, [...] e não detalhadamente as questões sociais. [...] Dessa forma a gente vê [...] o continente africano [como] espaço físico e não como espaço humanizado.

Ou seja, são referenciadas as questões naturais com predominância e os aspectos econômicos também são exaltados a partir da pobreza, sem verificar as grandes diferenças existentes no continente africano.

A entrevista “C” também ressalta existirem nos livros:

[...] Imagens de negros sofridos, [mostrando] justamente o sofrimento, o trabalho. Então, esse aspecto eu considero um aspecto preconceituoso, porque deixa de mostrar também o protagonismo do negro, quando eles fizeram os movimentos de rebeliões, quando eles lutaram contra a escravidão, quando eles resistiram, por exemplo, formando os quilombos.

Esta docente ressalta, de forma clara, que os estereótipos das figuras dos negros demonstram a postura preconceituosa apresentada nos livros didáticos, ressaltando que determinados são ignorados ou omitidos em relação ao protagonismo desta raça na história.

As professoras “D” e “E” não se pronunciaram a respeito do livro didático.

Quando ressaltamos sobre se haviam tido algum tipo de formação para discutir a temática, já que existe uma legislação que se preocupa com essa discussão, o professor “A” disse que “em Pernambuco [havia feito] curso [de] capacitação onde [...] tratou por mais de uma vez a questão etnoracial na escola”. Mas, não se referiu ao estado da Paraíba nesta mesma questão.

O entrevistado “B” destacou ter concluído a graduação há mais de trinta anos, lembrando que “dentro da grade curricular da academia nós nunca tivemos uma disciplina específica com essa finalidade”, confirmando que os cursos de Licenciatura também não trabalham a temática na formação inicial dos professores.

A professora “C” também explica “Na minha formação de graduação não recebi [porque] eu sou resultado do ensino ainda [do] período [...] da ditadura militar”. Sendo assim, aquele período proibia estes tipos de temáticas na formação inicial.

A docente “C” teve uma formação específica num curso de especialização oferecido pelo curso de história da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), “contribuindo bastante para eu ampliar meus conhecimentos com relação a essa temática”. E é exatamente essa profissional que realiza os projetos na escola, demonstrando a importância da formação para esses professores.

A docente “D” relatou que concluiu seu curso em 1995 e que, naquela época sua graduação não trabalhava a questão etnoracial, e a entrevistada “E” também ressaltou esta ausência de discussão na sua formação acadêmica.

Dessa forma, são necessários mais cursos formativos no campo das discussões etnoraciais, para que os professores modifiquem suas práticas no tocante ao combate ao racismo.

Considerações Finais

Na investigação empírica realizada identificamos que apenas a professora de História tinha um projeto desenvolvido com várias séries do Ensino Fundamental que contribuía para o combate ao racismo e uma visão mais crítica quanto às ideias preconceituosas e estereotipadas veiculadas pela mídia e livro didático.

No entanto, os professores de Geografia encaminhavam ações pontuais em algumas datas comemorativas ou discutiam superficialmente sobre a temática, a partir de alguns conteúdos trabalhados em sala. Mas, não identificamos uma ação permanente de combate ao racismo, mesmo sendo identificadas essas práticas na escola.

Além disso, verificamos que a formação oferecida no curso de especialização do curso de História foi fundamental para preparar a professora de História para o trabalho desenvolvido na escola. Sendo assim, os curso de Geografia também precisam repensar suas grades curriculares, envolvendo temáticas que comportem a discussão do respeito às diferenças no espaço escolar, porque atualmente estes temas são debatidos apenas por alguns professores de forma pontual, precisando ser ampliada como exigência dos cursos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Elise Helena Moraes. **Bullying e preconceitos étnico-raciais**. Periódicos UNISUL, 2013. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/1828>. Acesso em: nov. 2018.

BEZERRA, Nielson da Silva (Org.) **Respeitando as diferenças no espaço escolar**. Recife: Gestos, 2007.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/Secretaria de Educação Continuada/Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. **Lei 9.394/1996**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Ministério da Educação.

_____. **Lei n ° 10.369/2003**. Institui nas escolas públicas o ensino da História da África e dos africanos, as lutas do negro no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Brasília, 2008.

_____. **Lei 12.288/2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm. Acesso em: nov. 2018.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**: Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva socioconstrutivista. Goiânia, Alternativa, 2002.

COMAS, Juan. Os mitos raciais. Raça e Ciência I. Coleção Debate, 1970.

LIRA, Sonia Maria de. O ensino de Geografia, a construção do conhecimento geográfico e a operacionalização da prática docente. In: FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; OLIVEIRA, Marlene Macário (Org.). **A formação docente em Geografia**: teorias e práticas. Campina Grande: EDUFCEG, 2014.

LUDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986; p. 11-44.

MUNANGA, K. (org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Flávia Fernandes; VOTRE, Sebastião Josué. **Bullying nas aulas de educação física**. Revista Movimento. Porto alegre, v. 12, n. 2, p. 173-197, mai. /ago., 2006.

PEREIRA, José Maria Nunes. **Colonialismo, Racismo, Descolonização**. Revista Estudos Afro-Asiáticos, n. 2, maio/agosto, 1978.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortêz, 2009.

PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. **Gênero e Raça** – todos pela igualdade de oportunidades: teoria e prática. Brasília: MTb-a / Assessoria Internacional, 1998.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, K. (org). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Joel R. **O que é racismo**. Coleção Primeiros Passos, 1984.

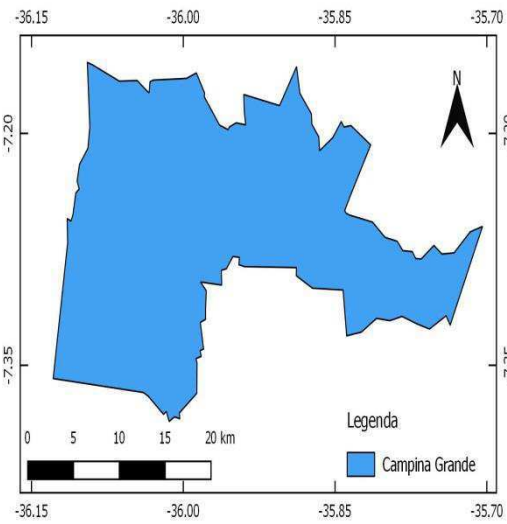
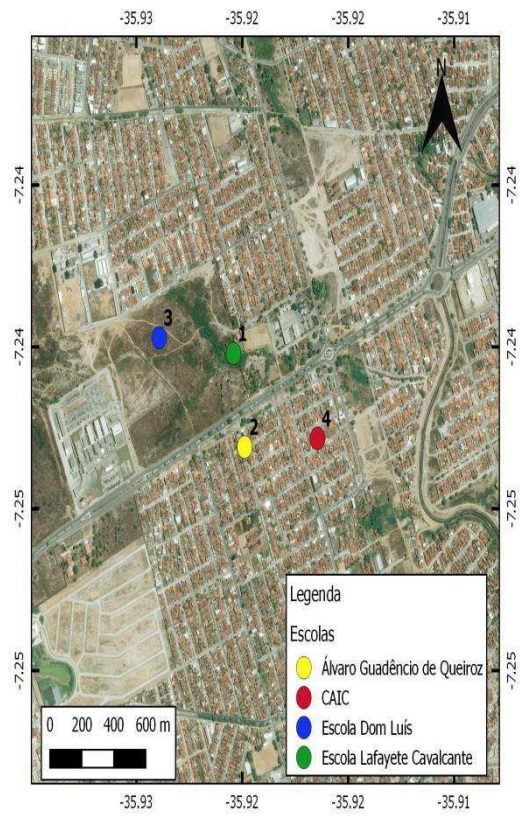
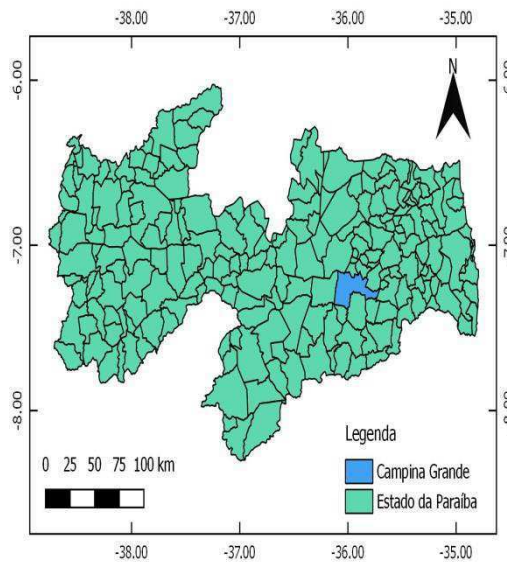
_____. **A questão do negro na sala de aula**. Coleção na Sala de Aula, 1990.

SILVA, Ana Célia. **Pesquisa Estereótipos**: Assimilação, tipos e Preconceitos em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão de Primeiro Grau, nível 1 (1ª à 4ª séries). In: Educação e Discriminação dos Negros. Ministério da Educação, FAE/Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro-Belo Horizonte/MG, 1987.

TONINI, I. M. Notas sobre imagens para ensinar Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. v. 6, n. 3, p. 177-191, 2013

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2013.

ANEXO



MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS DO BAIRRO DAS MALVINAS

AUTOR: José Dinaldo Martins da Silva

DATA DE ELABORAÇÃO 21/11/2018
BASE DE DADOS AESA, 2010
DATUM SIRGAS 2000